



A Rainha Beatriz, da Holanda, e o Presidente do BID, Enrique Iglesias

EUA e devedores selam acordo no BID

AMSTERDAM (do Enviado Especial) — Depois de sete reuniões seguidas num espaço de 24 horas, houve um acordo político — como fizeram questão de defini-lo as duas partes — entre os países latino-americanos e o governo dos Estados Unidos, propiciando um aumento de capital no valor de US\$ 22,5 bilhões para o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). A exigência americana de condicionar a aprovação de empréstimos setoriais do BID apenas aos países que tivessem um programa econômico monitorado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) caiu por terra. O acordo deve-

ra ser assinado hoje, em Amsterdam.

— Com o acordo, o Brasil voltará a ter um fluxo positivo com o BID. Hoje somos exportadores de capital para o banco: estamos pagando US\$ 350 milhões por ano e recebendo US\$ 250 milhões. Agora vamos subir para um nível de US\$ 500 milhões anuais em empréstimos — disse o Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, que representa o Brasil na reunião, aberta ontem com a presença da Rainha Beatriz, da Holanda.

Em compensação, os países devedores, que numericamente são maio-

ria nesse banco, também tiveram de fazer uma concessão: concordaram que, por um período de dois anos, a partir de janeiro de 1990, todos os projetos setoriais serão feitos em regime de cofinanciamento com o Banco Mundial (Bird).

— Ficou claro que o BID precisa acumular experiência nessa área de projetos setoriais. E por isso será necessário essa ligação com o Banco Mundial — argumentou um dos negociadores latino-americanos, a princípio. Em seguida, no entanto, ele admitiria que houve uma concessão: — Nem o governo americano veio aqui para ganhar tudo, é nós tam-

pouco. Tínhamos um ponto de honra, que era o de não aceitar de maneira alguma uma vinculação definitiva com o FMI ou com o Bird — disse a fonte.

● **EUA** — Os participantes do programa “Mesa Redonda Dreyfuss”, que vai ao ar em Nova York aos domingos, chegaram à conclusão, no debate do último fim de semana, de que os empréstimos não pagos feitos a países do Terceiro Mundo, como o Brasil, México e Argentina, foram responsáveis pela perda de cerca de 1,5 milhão de empregos nos Estados Unidos. O debate, que reuniu um grupo de executivos de empresas americanas, concluiu, também, que o Plano Brady pode custar aos contribuintes americanos até US\$ 7 bilhões.